

## Dia Internacional da Educação nas Prisões

### A Educação como Ferramenta de Inclusão e Transformação

Em Portugal, persiste a ideia de que a palavra *Educação* resume a forma como as pessoas são direcionadas para um determinado modelo de comportamento no meio em que se inserem, vivem, e com quem se relacionam. Esse conceito de Educação, não obstante, assume inclusivamente especificidades de acordo com fatores culturais, regionais, étnicos ou mesmo relacionados com o ambiente pontual em que as pessoas estão, como, por exemplo, quando estão no seu trabalho, quando frequentam um determinado ambiente em que há implícito um código seja social, religioso, moral ou institucional. Esse é o grande erro da interpretação da palavra Educação. A Educação engloba também a padronização comportamental, mas vai muito para além disso. Basta atentar no significado da palavra na tradução da língua inglesa, por exemplo. Educação é FORMAÇÃO, e no fundo a formação do indivíduo, e logo, a aprendizagem global ao longo da sua vida, seja de caráter, no que toca à forma como se relaciona com os outros, conforme os valores do seu grupo, como o seu grupo prepara o mesmo para se adaptar a todos aqueles com quem se relaciona, e lá está, de acordo com as tipologias de comunidades (leia-se protocolos, por exemplo) com os quais se depara no dia-a-dia, mas não esquecendo a formação técnica, profissional ou até deontológica que lhe enriquece a base, a vertente comportamental, no fundo.

Fala-se cada vez mais nas limitações, ou se quisermos, nas necessidades de aquisição de competências, por parte da população em geral, e fala-se muitas vezes do termo Literacia Financeira, ou até de outras Literacias sobre outras matérias, e se estamos perante um fenómeno de despertar ou não, para a realidade que é notória há muitas décadas na sociedade portuguesa, a verdade é que somos, no geral, muito limitados, seja a interpretar terminologias, conceitos e consequentemente a correlação entre ambos, o que nos torna incapazes de tomar decisões na vida, cada vez que nos confrontamos com este ou aquele problema. Este estado das coisas, leva a que o país não se desenvolva, pois esta é indubitavelmente a maior barreira à evolução crítica de um país. As pessoas interpretam mal a informação que obtêm nos diversos canais de comunicação que os envolvem, seja naquilo que ouvem nas notícias, seja nas simples conversas de café ou com uma vizinha, seja na leitura de um manual de funcionamento de um aparelho que compraram, e isto às vezes é meio caminho andado para não se tomar a decisão certa.

Posso estar a parecer redutor e ao mesmo tempo lançar a ideia de que a vida é feita de mal-entendidos, mas a crua realidade é que basta um para criar um conflito. É preciso que as pessoas tenham a possibilidade de aprender, estudar ou evoluir mais naquilo que almejam. Durante muitos anos o modelo educacional era demasiado rígido, não existindo muitos cursos práticos direcionados para as profissões. Claro que houve fases, e recordo-me, por exemplo, de muita gente que falava em ter finalizado um certo nível de estudos e ter ingressado na Escola Comercial (por exemplo), o que significa que havia caminhos que se podiam fazer em modelos técnicos especializados de ensino. Contudo, a dada altura, e fora algumas exceções, por vezes disponibilizadas por associações (sindicais, empresariais ou outras), a oferta de formação técnica era fraca para a realidade das necessidades do país. Lembro-me também, de empresários a queixar-se disso pela carência de quadros técnicos qualificados nas suas empresas, pela falta desses cursos ou escolas para tal, e até mesmo da distância das formações nas universidades para a realidade das empresas, o que nos leva a concluir que até mesmo nas universidades falhávamos. Hoje, e pelo menos no ensino superior - basta prestar atenção à imagem das nossas faculdades lá fora, aos seus protocolos com as suas congéneres internacionais, os posicionamentos nos rankings mundiais, reconhecimentos e prémios, já para não falar do papel da investigação em imensos campos cada vez mais envolvida nas decisões das empresas mais eficientes em Portugal – para percebermos que pelo menos ali, já temos da melhor produção em formação, no mundo. Mas ainda há um longo e penoso caminho a percorrer. Longo porque leva muito tempo a chegar (e era precisamente onde deveria ter começado) a todos os níveis escolares, com especial enfoque no ensino preparatório, procurando cimentar uma vertente mais vocacional nas escolhas dos programas, tornando mais atrativo o percurso das crianças na escola. No ensino secundário já existem cada vez mais e melhores ferramentas neste sentido. Penoso porque talvez subsista uma certa ideia de que se estaria a doutrinar as crianças do ensino preparatório ao criar programas com uma componente técnica, mas acredito que privá-las de um ensino mais orientado para a futura profissão tem como resultado o tão conhecido desinteresse pela escola em geral.

O resultado imediato e perceptível é o fraco empenho da fatia maior dos alunos, o resultado no futuro (previsto, mas comprovado pelos sintomas genéricos da sociedade) é o agravamento dos problemas para a conclusão do ensino obrigatório em muitos alunos, casos disciplinares graves, da falta de quadros técnicos nas nossas empresas, e surpresa das surpresas, no desemprego.

Parece uma conclusão fatalista e mais uma vez redutora, mas todos sabemos como estes pontos afetam a nossa sociedade e a nossa economia, que por sua vez ainda afeta mais a sociedade, ou seja, uma bola de neve a crescer e a ficar cada vez

mais pesada para todos, mais difícil de comportar pelo Estado Social, esse a cada dia mais desprovido financeiramente. Diz-se que problemas complexos requerem soluções complexas. Nem sempre é assim. A Educação pode até parecer que não é a solução de todos os problemas de um país, mas o maior problema é não sabermos (ou admitirmos) aceitar que até é. Não que os problemas do nosso país sejam exclusivamente financeiros, mas sem dúvida que a sociedade, com todas as suas características e idiossincrasias, ganha e melhora, evolui para o saneamento dos seus problemas se tiver uma base sólida, se fundar sem medos, sem determinismos políticos ou de qualquer outra raiz, um plano credível e segui-lo com rigor (não rigidez) para a Educação. Se essa educação for acessível a Todos, Todos, Todos, parafraseando o Papa Francisco e tantos outros ideólogos da nossa praça que agora adoram imitá-lo, teremos uma possibilidade de enriquecer o país. Cultural, comportamental, academicamente, tecnicamente. Teremos uma sociedade preparada, com conhecimentos, no fundo, capacitada. Se estendermos a oportunidade sem qualquer tipo de discriminação, estaremos a dar uma nova oportunidade ao país. E obviamente **esta oportunidade é como o oxigénio nas prisões**. O tempo que um cidadão na situação de reclusão tem, deve ter valor para os que estão do lado de fora, como tem para eles próprios. Não falamos apenas na oportunidade de aquisição de novas competências, mas também de um ganho do sentimento de que não está encostado ou simplesmente 'armazenado' temporariamente. E não menos importante, a sociedade que o vai receber, tem um valor adicional (recíproco), pois volta a ter um cidadão que esteve, esperemos, a ser melhorado.